

## **EDUCAÇÃO MUSICAL SIGNIFICATIVA<sup>1</sup>**

### **RESUMO:**

Este trabalho é resultado da reflexão feita sobre a prática docente, sobretudo a deste primeiro semestre do corrente ano. Buscou-se avaliar o trabalho com Educação Musical desenvolvido dentro do âmbito específico da Educação de Jovens e Adultos e a Divisão de Educação Continuada. Para tanto, se fundamentou toda a ação na metodologia da Educação pela Pesquisa, conforme empregada na EJA/Florianópolis. A partir deste enfoque, é efetuado um paralelo entre a Educação Musical nos contextos do Ensino Fundamental e da Educação Continuada, evidenciando-se os pontos relevantes ao educador musical.

---

<sup>1</sup>GILBERTO ANDRÉ BORGES é Licenciado Pleno em Educação Artística – Habilitação em Música pela UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. membro efetivo do magistério municipal da Rede Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

A Educação Musical deve ser significativa para o aluno. Neste momento, em que experiências diversas de Educação Musical estão ocorrendo dentro da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura Municipal de Florianópolis, este enunciado nos remete a inúmeras reflexões.

Não há uma receita para a educação e a chave está exatamente no significado que esta assume para a vida do educando. Mas o que é exatamente construir uma educação significativa? Como isto pode ser feito dentro da área de Educação Musical? Tentar responder a estas questões sem cair em imposições ideológicas não é tarefa fácil, tampouco este artigo se propõe a esgotar uma problemática tão vasta. Porém algumas reflexões podem ser aqui por nós levantadas.

### **1) Realidade Cultural**

O primeiro ponto a ser levantado é considerar a realidade cultural dos alunos e a partir desta ampliar o leque de conhecimento dos estudantes desde o senso comum às formas mais elevadas de manifestação musical dentro de nossa cultura e de outras culturas. Tal ponto de vista é defendido, entre outros, por Snyders (1992).

A escola encontra sua razão de ser quando se espera do jovem um salto tão considerável que ele não pode realizá-lo com suas próprias forças, nem mesmo apelando para as forças mais ou menos iguais de seus iguais. Trata-se, em todas as disciplinas, de favorecer a confrontação com as maiores conquistas humanas, de colocá-las ao alcance dos jovens... [SNYDERS: 1992, 15]

O autor refere-se em dispor aos jovens o contato com as obras de arte mais significativas produzidas historicamente, as quais não se encontram presentes de forma acessível na vida cotidiana das pessoas.

Dentro da área de Educação Musical, a primeira ponte entre realidade cultural e cotidiano é relacionada à mídia (sobretudo a mídia eletrônica) e a cultura de massa. É preciso tomar cuidado, com tal questão. Longe de diminuir a importância da indústria cultural<sup>2</sup>, é preciso superar este patamar e estar atento ao fato de que música está no cotidiano para muito além da mídia.

---

<sup>2</sup> Utilizou-se este termo pois em nosso país, conforme Teixeira Coelho (1981), pode-se inclusive afirmar que não existe uma cultura de massa, já que esta pressupõe consumo em massa, o que não ocorre, entre outros motivos, por sermos um dos campeões mundiais em má distribuição de renda.

Outros pontos de vista tratam da mesma questão. Souza (2000), referindo-se ao uso do cotidiano como perspectiva para a Educação Musical atenta para o fato de que “A educação fundamentada nesse princípio irá além de uma mera instrução baseada conteudista para exigir um sistema pluralista e democrático, estabelecido segundo os valores de uma ideologia que permita uma reflexão crítica.” [SOUZA: 2000, 24]

A questão levantada por Souza (2002) atinge o ponto crucial para a discussão, ou seja, a dificuldade está no pressuposto metodológico. Dentro da atual estrutura escolar é extremamente difícil<sup>3</sup> lidar com a crítica ao cotidiano enquanto ferramenta de ensino, pois todo o sistema está moldado para a homogeneização, a reprodução e a cópia. O inverso disto é a pluralidade, o questionamento e a reconstrução. Pluralidade é predicado próprio das realidades (cultural, pessoal, conjuntural, etc). Questionamento é o que transforma, através da reconstrução, insignificância em significância.

## **2) A Educação Musical na Educação de Jovens e Adultos**

Em trabalhos anteriores, buscou-se compreender a Educação Musical enquanto componente curricular e extraclasse, dentro do âmbito das escolas da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura Municipal de Florianópolis<sup>4</sup>. Porém uma abordagem completa não poderia deixar de refletir e avaliar o trabalho com música realizado dentro da Divisão de Educação Continuada, o qual acontece junto ao Terceiro Setor e a Educação de Jovens e Adultos. Buscou-se relacionar a Educação Musical com a metodologia de Educação pela Pesquisa, conforme empregada na EJA / Florianópolis, a partir da experiência de um ano de trabalho junto a ONG's<sup>5</sup> e a experiência deste ano, no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da comunidade dos Ingleses, em Florianópolis.

Demo (2002), propõe a pesquisa enquanto metodologia para a superação do ensino baseado na cópia<sup>6</sup>. Para este autor, o que diferencia a aprendizagem escolar de outras formas de aprendizagens presentes no cotidiano é justamente a pesquisa. “O que melhor distingue a educação escolar de outros tipos e espaços educativos é o fazer-se e refazer-se

---

<sup>3</sup> O que, em hipótese nenhuma, deverá ser interpretado enquanto impossível.

<sup>4</sup> Borges: 2003.

<sup>5</sup> Organização Não Governamental.

<sup>6</sup> Entendendo-se “cópia” para além de simplesmente copiar do quadro. Cópia para este autor refere-se ao repasse sem questionamento reconstutivo de qualquer tipo de conhecimento. O professor que ano após ano repete o seu planejamento, ou que apóia o seu curso em um método alheio específico também está copiando. Neste caso, estaria tentando transformar seus alunos em “cópia da cópia” [DEMO: 2002, p. 09]

na e pela pesquisa. A própria vida como tal é um espaço naturalmente educativo...”  
[DEMO: 2002, 05]

Para este autor, o processo de Educação pela Pesquisa possui seu eixo na figura do professor. Isto pode ser afirmado tanto no sentido de que é o professor a competência, a motivação e o exemplo, quanto no de que, a dificuldade em trabalhar a partir da pesquisa está no professor e não nos alunos. Para que a pesquisa aconteça, é preciso mudar hábitos arraigados no comodismo, como o de dar apenas ‘aulas expositivas’, a ‘pedagogia da nuca’, o da ‘cópia’ e da ‘prova’ que nada prova além da incompetência em gerar significados.

Para o educador musical, significa em um primeiro momento se convencer de que a sala de aula nem de longe se aproxima de ser o espaço mais apropriado para lecionar. É humanamente impossível produzir música com uma quantidade enorme de alunos sentados enfileirados e prestando atenção em qualquer coisa menos na música. Uma execução musical precisa requisita atenção e concentração. O que também não significa que jamais será dada uma aula expositiva quando algum conteúdo específico se fizer necessário. Porém, a experiência vivida em 2003, na ONG Música & Cidadania e no CEAFIS – Centro de Apoio à Formação Integral do Ser, bem como a deste ano, no Núcleo EJA/Ingleses, demonstrou ser mais produtivo o formato de oficina<sup>7</sup> do que somente o de aulas expositivas.

A Educação Musical tem ocupado seu espaço no currículo escolar do Ensino Fundamental regular, de maneira a contribuir na busca de uma escola que encontre alternativas a suas limitações. Porém encontramos neste contexto, uma realidade escolar rígida onde é preciso lecionar para determinada turma em determinado horário<sup>8</sup>, utilizando determinado espaço físico e um tipo pré-determinado (pela prática e não pela teoria) de atuação onde cada professor especialista deve responder única e exclusivamente por sua área de competência, pois segundo estudo realizado por Borges (2003) abordando a Educação Musical dentro do contexto específico da RME, a interdisciplinaridade raramente acontece.

Dentro da Educação de Jovens e Adultos, ocorre a possibilidade de cada Núcleo organizar-se de maneira autônoma, o que possibilita uma flexibilização maior em relação à rigidez da escola tradicional.

---

<sup>7</sup> Entendido aqui como uma atividade de cunho eminentemente prático envolvendo não apenas a música contemporânea, mas também a música popular brasileira e outras. Há o caso, como no das oficinas de Canto Coral desenvolvidas no EJA / Ingleses, onde o foco da atividade está centrado no ensaio de repertório.

<sup>8</sup> Delimitado, inclusive, em quarenta e cinco minutos.

Na Educação de Jovens e Adultos, bem como nas ONG's, encontramos justamente aqueles alunos que foram excluídos pelo sistema tradicional de ensino. Encontramos os ex-alunos do fundão da sala, cujo se estigmou não terem mais jeito.

O incrível é descobrir que eles na verdade são alunos dedicados e atenciosos, bem como se dar conta de que o que não tem mais jeito é a educação fragmentada, baseada na informação e não no conhecimento, esta (des)educação da nuca, esta mentira da prova e da acomodação, onde os estudantes aprendem a diluírem-se numa massa de iguais, em massa de manobra do sistema e os professores, tal qual um velho bardo, repetem sempre o mesmo tema.

Demo (2002), lista como uma das condições fundamentais para que a educação pela pesquisa aconteça, que o profissional da educação (bem como o ambiente educativo por ele criado) tenha um compromisso com a “qualidade formal e política”. Neste sentido é fundamental que nosso aluno desenvolva uma consciência crítica através do questionamento reconstrutivo, porém não se deve jamais perder de vista “qualidade formal” que, embora difícil de resumir em poucos termos, faz referência ao âmbito científico. Ou seja, o questionamento reconstrutivo deve ser política e cientificamente correto.

... é sempre fundamental ressaltar o compromisso com qualidade formal e política, seja para não ficarmos apenas com o conhecimento, como se educação a ele se reduzisse, seja para não ficarmos apenas com mobilização ideológica, como se educação devesse pré formar as consciências... [DEMO: 2002, 12]

A aula de música também deve se ocupar de uma preocupação formal e política. Não devemos subestimar a importância da adoção de uma postura científica pelo professor. Como poderemos almejar que nossos alunos vençam as etapas preliminares do processo educativo e cheguem um dia a concluir o ensino médio e superior se os professores que lhes serviram de modelo se contentaram em reproduzir o senso comum. No sentido discutido anteriormente, da Educação Musical superar o senso comum enquanto reprodução sem questionamento do cotidiano. Por outro lado, qualidade formal em música, acima de qualquer outro pressuposto, deve ser compreendida como a busca de uma competência musical incontestável.

No Ensino Fundamental, alcançar esta qualidade/competência musical é difícil. Pode levar anos. Pode até mesmo nunca acontecer se o professor não puder contar com a continuidade do seu contato com os mesmos alunos por mais de um ano letivo [BORGES:

2003]. Porém, não devemos prejudicá-la impossível. Por isto que, continuidade nas ações em Educação Musical não se constitui em nenhuma mercê a nos ser concedida pelos poderes públicos, sejam estes municipais, estaduais ou de qualquer esfera. Trata-se de condição *si ne qua non* para o andamento do trabalho com crianças e adolescentes neste âmbito de ensino, quando se pretende este de longa duração. Porém que fique claro: não confundir continuidade nas ações com acomodação intelectual/musical/existencial/artística.

Na realidade das ONG's e dos Núcleos de Educação de Jovens e Adultos em Florianópolis, a questão da continuidade se coloca sob um prisma diferente. Neste tipo de procedimento ocorre alta rotatividade de alunos durante todo o ano letivo. Porém, diferentemente do Ensino Fundamental, a Educação Continuada não se propõe a formar intelectualmente o aluno, mas, conforme Demo (2002), ensina-lo a “aprender a aprender”. Neste tipo de ambiente educativo, a qualidade musical incontestemente deve estar fundamentalmente presente e é exigida pelos próprios alunos tanto em relação ao grupo quanto ao professor. Se o professor não for músico de comprovada competência, uma excelente oportunidade de se criar um ambiente educativo com qualidade formal e política poderá estar perdida.

É claro que em qualquer contexto educacional a competência musical do educador deve ser altamente gabaritada, porém em um trabalho deste gênero, em que o aluno é visto pelo conjunto docente e discente como colaborador e não como subordinado, o professor, bem como todos os membros das equipes estarão sob contínua avaliação.

Diferentemente da rigidez pedagógica do ensino tradicional, dentro da metodologia da Educação pela Pesquisa, pode-se entender que seja possível formar uma turma em determinado horário apenas com os estudantes que estejam interessados em aprender canto, por exemplo. Então, teremos uma turma de canto formada não pela pressão da nota bimestral ou por imposição de algum programa escolar, mas formada por pessoas que escolheram estar presentes naquela atividade e naquele horário. Isto exemplifica a diferente relação professor / aluno dentro do EJA/Florianópolis. Este será um grupo que se reunirá para aprender conjuntamente, sendo cada membro um colaborador, sujeito *do* processo ao invés de um sujeito *ao* processo.

### **3) Finale**

Dentro deste novo arranjo social em que vivemos na pós-modernidade, fica claro que a educação ocupará um espaço cada vez mais central na vida das pessoas. Para De Masi (2000), estudar, trabalhar e se divertir serão atividades conectadas, costuradas por uma postura ética. Apontar o fim da escola como alguns o fizeram é ser apocalíptico demais. O ente social é um paquiderme gigantesco, lento e tenaz. Conviveremos com a escola tradicional por muito tempo ao lado de experiências educacionais arrojadas.

Porém, não obstante às novas experiências educacionais, como as que se utilizam de muita tecnologia, ou à velha pedagogia tradicional, a questão central estará sempre focada no professor. Seja feito qualquer ajuste metodológico, seja inventado qualquer recurso tecnológico novo, nada substituirá o contato humano em educação.

**BILBIOGRAFIA:**

BORGES, Gilberto André. **A educação musical nas escolas: reflexão sobre a experiência desenvolvida junto da Rede Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis**. Monografia de graduação. Udesc, 2003/1

\_\_\_\_\_. **Educação musical: relatos da experiência da Rede Municipal de Educação de Florianópolis**. Anais do XIIº Encontro Anual da ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical. Florianópolis, 2003/2

COELHO NETO, José Teixeira. **O que é indústria cultural?** São Paulo: Brasiliense, 1981

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000

DEMO, Pedro. 5ª Ed. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2002

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?**. São Paulo: Cortez, 1992

SOUZA, Jussamara. O cotidiano como perspectiva para a aula de música, In: SOUZA, Jussamara.(org). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2000